

Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Serviço Social, geração e classes sociais

Sub-eixo: Envelhecimento

O SISTEMA CAPITALISTA E O ENVELHECIMENTO DO TRABALHADOR: UMA ANÁLISE A LUZ DO MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO DE MARX

LUANA DE OLIVEIRA DOS SANTOS FRANCESCHI ¹

Resumo

Este artigo é fruto de reflexões teóricas e pretende analisar as contradições na sociedade entre o sistema capitalista e o envelhecimento do trabalhador partindo das reflexões teóricas do Marxismo Histórico Dialético de Marx. O debate Marxiano trás importantes elementos para pensar as mudanças sofridas no mundo do trabalho e desvelar a problemática entre a relação de trabalho assalariado e envelhecimento do trabalhador. Envelhecer na sociedade capitalista é um fenômeno complexo e desafiador e não necessariamente pode significar viver bem, pelo contrário, pode refletir em uma velhice marcada de inseguranças, desigualdades, violências e desproteções.

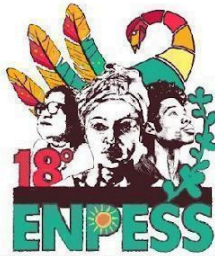
Palavras-chave: Envelhecimento, trabalho e capitalismo

Abstract

This article is the result of theoretical reflections and aims to analyze the contradictions in society between the capitalist system and the aging of the worker based on the theoretical reflections of Marx's Dialectic Historical Marxism. The Marxian debate brings important elements to think about the changes suffered in the world of work and unveil the problem between the relationship between salaried work and the aging of the worker. Aging in capitalist society is a complex and challenging phenomenon and cannot necessarily mean living well, on the contrary, it can reflect an old age marked by insecurities, inequalities, violence and lack of protection.

Keywords: Aging, work and capitalism

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

1. Introdução

Este texto visa fazer uma breve análise acerca do sistema capitalista e o envelhecimento do trabalhador. Para a realização dessa análise, foi utilizado o Método Histórico Dialético de Marx, que se apresenta como um importante método para a compreensão da sociedade burguesa e suas contradições.

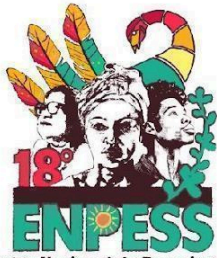
Ao longo do texto, serão discutidas as modificações no sentido do trabalho, e seu caráter concreto e abstrato, e a transformação do trabalhador em mercadoria, à luz da teoria Marxista.

O envelhecimento do trabalhador é analisado como um elemento “problema” ao capital, que se apresenta na perda da funcionalidade da força de trabalho ativa para extração do lucro. No entanto, compreende-se que ao capital interessa a obtenção de lucro, ou seja, o trabalhador como mercadoria ou como consumidor de mercadorias, o que demonstra uma análise de classe do envelhecimento, revelando que este processo se apresenta de forma desigual para pobres e ricos.

Neste sentido, o presente trabalho foi dividido em quatro seções, sendo a primeira a introdução. A seção 2 aborda a importância do método materialista histórico dialético de Marx para a compreensão da realidade, como um método que permite ir além das aparências e revelar a essência da sociedade burguesa. A seção 3 trata do trabalho concreto e abstrato, e das modificações do trabalho na sociedade capitalista. E a seção 4 discorre sobre as contradições entre trabalho assalariado e envelhecimento do trabalhador, colocadas na sociedade capitalista. O trabalhador como mercadoria, o que contrasta com o envelhecimento do trabalhador que já não produz tanto ao capital, em contraposição àqueles que possuem poder de compra e ainda assumem alguma relevância ao capital. Para finalizar, são apresentadas as considerações finais.

2. A importância do método Materialista Histórico Dialético de Marx para a compreensão da realidade

Marx construiu uma teoria social da sociedade burguesa e tem como objeto de estudo a sociedade burguesa e o modo de produção capitalista. É um pensamento que tende a intervir na luta de classe e analisa historicamente esse movimento, considerando-o como produto das relações humanas. Desta forma, o método de estudo Materialismo Histórico Dialético, de Marx, é



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

um importante método de análise para a compreensão crítica da sociedade burguesa e suas contradições.

O método de Marx não resulta de compreensões repentinas, de intuições geniais ou de inspirações iluminadas. Antes, é o produto de uma longa elaboração teórico-científica, amadurecida no curso de sucessivas aproximações ao seu objeto. (Netto, 2011, p. 28)

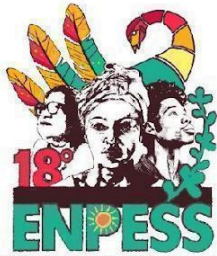
Para Marx, o homem é o ser responsável por construir a história. Diferentemente de outros estudiosos que pensam que a história constrói os homens, Marx não acredita que haja um determinismo social, como no estruturalismo, que tira a importância histórica dos sujeitos e não os compreende como um ser ativo. Na teoria Marxista, os sujeitos são históricos, ativos, constroem-se socialmente, e a sociabilidade, por meio das relações sociais, em um processo dialético.

A História não faz nada, 'não possui nenhuma riqueza imensa', 'não luta nenhum tipo de luta!' Quem faz tudo isso, quem possui e luta é, muito antes, o homem, o homem real, que vive; não é, por certo, a 'História', que utiliza o homem como meio para alcançar seus fins – como se tratasse de uma pessoa à parte –, pois a História não é senão a atividade do homem que persegue seus objetivos. (Marx e Engels, 1984, p. 111)

A realidade é contraditória, dinâmica, e está sempre em movimento. Nada está dado, que não possa ser mudado. A história humana é aberta, dialética, construída pelos seres humanos, no processo histórico; diferentemente da história natural, que se restringe somente ao necessário, como se desenvolvesse sem o controle dos indivíduos.

O método de Marx é um importante método de análise da sociedade burguesa, ao ir além da aparência dos fenômenos. Marx parte da aparência para conhecer a realidade, ou seja, de como o fenômeno (síntese de múltiplas determinações) apresenta-se; mas seu ponto de chegada é a essência. Para Marx, a aparência e a essência não são sinônimos; para conhecer a realidade é preciso de um estudo da realidade, ir na raiz dos fenômenos. Olhar a sociedade não permite conhecê-la tal como ela é, seus movimentos e contradições. Como sinaliza Netto (2011), se aparência e essência fossem iguais, não necessitaria de ciência, o próprio olhar sobre o fenômeno já revelaria a realidade.

O concreto só é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como, resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. No primeiro método, a representação plena volatiliza-se em determinações abstratas, no segundo, as



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

determinações abstratas conduzem a reprodução do concreto por meio do pensamento.
(Marx, 1883, p.17)

As categorias de análise do método materialismo histórico dialético dão luz para analisar e para entender a sociedade burguesa. Uma importante categoria de análise do pensamento de Marx é a visão de totalidade, a relação do fenômeno com tudo mais. Marx não possui uma visão factorialista, que divide as esferas (econômica, política, cultural, etc.) e analisa-as separadamente. Embora visões equivocadas sobre seu método coloquem Marx como um factorialista - aquele que teria situado o “fator econômico” como determinante a outros fatores, culturais, sociais etc (Netto,2011).

Outra categoria de fundamental importância na teoria Marxista é a categoria trabalho, que, neste texto, vai ganhar centralidade, com recorte geracional para a análise das contradições do envelhecimento do trabalhador na sociedade capitalista.

O trabalho é central em qualquer sociedade, e também na vida dos homens. No capitalismo, esse trabalho assume novas características, cada vez mais complexas e desumanizadas, modificando as relações entre trabalho/homem/natureza.

É compreensível que a teoria de Marx tenha seus limites históricos, pois Marx não conheceu o capitalismo contemporâneo. No entanto, sua análise dá conta de explicar a realidade, ao ter como objeto de estudo a sociedade burguesa, “um sistema de relações construídas pelos homens” (Netto,2011), e com objetivo de descobrir sua dinâmica e a sua estrutura.

Analisar as contradições entre envelhecimento e sociedade capitalista requer ir além da aparência e buscar a essência. Ter uma visão de totalidade, que permita ver as contradições presentes nesse processo e os movimentos de lutas de classes. A centralidade do trabalho abstrato na sociedade capitalista, o processo de transformação do trabalhador em mercadoria, que, assim como outra qualquer, pode ser consumida e descartada, é um elemento importante de análise para pensar sobre as contradições próprias dessa sociedade, que, ao mesmo tempo que permite que o envelhecimento se torne uma realidade, não cria condições dignas de reprodução social para o trabalhador envelhecido.

O tempo de vida do trabalhador é analisado dentro da esfera do trabalho produtivo, quando esse é explorado, e pode gerar mais valor. Entender, em Marx, a dinâmica da sociedade burguesa, o sistema capitalista de produção e a centralidade do trabalho assalariado é

ponto-chave para entender a desvalorização do idoso e a “valorização” do idoso rico como consumidor.

3. Trabalho concreto e abstrato; modificações no sentido do trabalho na sociedade capitalista

O homem é definido por Marx como um ser social, um ser complexo, que tem uma interdependência com os outros seres, orgânico e inorgânico, mas que não se identifica com eles. O ser social é parte dos seres orgânico e inorgânico e não existe sem eles. O ser social, diferentemente dos seres (orgânico e inorgânico), possui a capacidade teleológica, a capacidade de projetar, pensar idealmente antes de realizar uma atividade e, por isso, é um ser capaz de desenvolver a atividade “trabalho”.

O trabalho é a atividade fundante do ser social, pois é a partir dele que o homem transforma a natureza e transforma-se, ao mesmo tempo, como forma de atender às suas necessidades sociais. O ser social vai desenvolvendo novas atividades e complexificando as relações sociais e, assim, desenvolve a sociabilidade. O ser humano foi caracterizado como o animal que frequentemente constrói suas próprias ferramentas (Luckács).

O trabalho é uma ação criadora que permite ao homem conquistar sua humanidade e suprir as suas necessidades. O homem não só supre as suas necessidades, como também cria novas através do trabalho. Sendo assim, o trabalho é também a satisfação das necessidades humanas e a possibilidade histórica.

Por meio do trabalho-atividade racional dirigida a um fim, pois, pressupõe a faculdade humana de projeções, de atribuição consciente de finalidade e ações- o homem transforma a matéria natural com vistas a satisfação de suas necessidades e, nesse processo, também produz as, identificando- se com o que produziu, conquistando a sua humanidade, produzindo as relações sociais e engendrando a história. (Forti, p.33, 2010)

Com o desenvolvimento da sociedade, surge um conhecimento que é histórico, uma construção e desconstrução, uma superação dos seres com relação à natureza, fruto de processos e descobertas anteriores, que vão se aprimorando ao longo da história.

O trabalho foi o elemento-chave, o fulcro do salto que permitiu a hominização do ser natural e foi, simultaneamente, engendrado nesse processo como mecanismo produtor de respostas às carências desse ser que se humanizava. Porém, evidentemente, no decurso

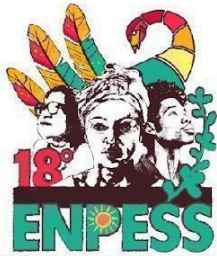
histórico, os homens desenvolvem novas capacidades, novas qualidades e necessidades. (Forti, 2010, p.32)

A história não é um processo natural, determinado e etapista, como critica Marx a visão positivista. Para Marx, ela é fruto da construção humana, é ontologicamente distinta da história natural, por ser um espaço de escolhas entre alternativas inscritas em situações concretas. O homem constrói a história, as relações sociais e, ao mesmo tempo, constrói-se enquanto ser social. (Forti, 2010). “A história é produção humana e, portanto, divergindo de qualquer concepção mistificada a seu respeito, captamos o homem como seu autor e simultaneamente como seu produto”. (Forti, 2010,p.34)

Diferentemente das sociedades pré-capitalistas, o trabalho vai ganhando novos significados, uma vez que passa a ser visto não só pelo seu valor de uso (trabalho concreto), pela atividade livre, consciente, e pelo seu intercâmbio com a natureza, mas também pelo seu valor de troca (trabalho abstrato). Trabalho esse que pode ser vendido e comprado no mercado, mediatizado pelo dinheiro.

A apropriação privada dos meios de produção, meios de trabalho pelos capitalistas, vai modificar a relação do homem com a natureza e, conseqüentemente, com o trabalho. O trabalho aparece não mais como uma relação natural, mas como uma atividade estranha ao homem, como mercadoria, que assim como qualquer outra, pode ser vendida e trocada, neste caso, pelo salário. O produto que o homem produz por meio de seu trabalho aparece alheio ao trabalhador e pertence ao capitalista, assim como o seu trabalho, colocado como algo independente do trabalhador.

Em primeiro lugar, o trabalho é exterior ao trabalhador, quer dizer, não pertence à sua natureza; portanto, ele não se afirma no trabalho, mas nega-se a si, não se sente bem, mas infeliz, não desenvolve livremente as energias físicas e mentais, mas esgota-se fisicamente e arruína o espírito. Por conseguinte, o trabalhador só se sente em si mesmo fora do trabalho, enquanto no trabalho se sente fora de si. Assim, o seu trabalho não é voluntário, mas imposto, é trabalho forçado. Não constitui a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio de satisfazer outras necessidades. O seu caráter estranho ressalta claramente do fato de se fugir do trabalho como da peste, logo que não exista nenhuma compulsão física ou de qualquer outro tipo. O trabalho externo, o trabalho em que o homem se aliena, é um trabalho de sacrifício de si mesmo, de mortificação. Finalmente, a exterioridade do trabalho para o trabalhador transparece no fato de que ele não é o seu trabalho, mas o de outro, no fato de que não lhe pertence, de que no trabalho ele não pertence a si mesmo, mas a outro. [...] Pertence a outro e é a perda de si mesmo. (Marx, 1964, p. 162)



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

O trabalho torna-se apenas um meio de subsistência para o trabalhador que necessita vender sua força de trabalho, que, por sua vez, apresenta-se como qualquer outra mercadoria. O trabalho, na sociedade capitalista, possui um caráter de desumanização do homem, de exploração; é algo forçado que aparece alheio ao trabalhador.

A modificação do sentido do trabalho, assim como o desenvolvimento da sociedade burguesa, é fruto de um longo processo histórico desenvolvido, que resultou na criação e desconstrução de tipos de sociedades que atendessem às necessidades humanas; não é um processo natural, foi construído socialmente via lutas, disputas, violência, surgimento de novas demandas, entre outros processos.

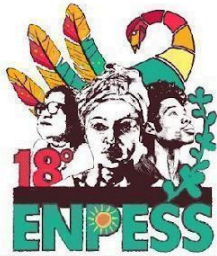
4. Contradições entre trabalho assalariado e envelhecimento do trabalhador

O trabalho é central em qualquer sociedade, pois é através dele que os homens conseguem atender às suas necessidades e se relacionar com outros homens. No entanto, na sociedade capitalista, o trabalho ganha um novo significado, não mais como um ato de intercâmbio homem-natureza, com finalidade de atender somente às necessidades humanas. Ele surge, na sociedade burguesa, como trabalho criador de mais valor, trabalho que vai ser explorado, com objetivo de obter lucros.

O trabalho como valor de uso, ou seja, aquele trabalho que é desenvolvido para a subsistência e não para criação de mais valor, passa a ser desprezado na sociedade capitalista, perde sua centralidade, como nas sociedades pré-capitalistas. O trabalho abstrato ganha destaque, trabalho esse produtor de mercadorias e de mais-valia.

A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer. A natureza dessas necessidades se, por exemplo, elas provêm do estômago ou da imaginação não altera em nada a questão. Tampouco se trata aqui de como satisfaz a necessidade humana, se diretamente, ou como meio de subsistência, isto é, como objeto de fruição, ou indiretamente, como meio de produção. (Marx, 2017,p.113)

Segundo Marx (2017),“a riqueza das sociedades onde reina o modo de produção capitalista aparece como uma enorme coleção de mercadoria”. A mercadoria muda o sentido na relação de uso, na criação de objetos para satisfazer somente as necessidades humanas de sobrevivência. Ela trás novos significados para acumulação, troca e exploração. O valor de uso é totalmente subordinado ao valor de troca, o que se busca é cada vez mais a obtenção de lucros.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

É o trabalho humano o responsável por gerar mais valor, é o trabalho necessário para produzir uma mercadoria que determina o valor da mesma. Só que no sentido do trabalho abstrato, essa ação é camuflada pelas relações de produção, ele é incorporado na mercadoria quantitativamente e pensado como um elemento como qualquer outro. O trabalho humano, ao produzir mercadorias, também se produz como mercadoria. Segundo Marx (2017), reduz-se o trabalho ao seu caráter comum como dispêndio de força humana de trabalho, como qualquer outro trabalho humano abstrato.

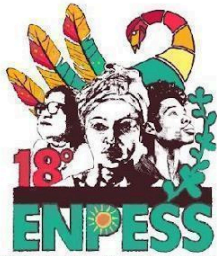
Analisar a modificação no sentido do trabalho é de fundamental importância para compreender a visão do idoso na sociedade capitalista. O capital transforma tudo em mercadoria, que pode ser comprado e descartado, assim também o trabalhador, analisado sob a ótica da produtividade e da capacidade de dar lucro, pela sua força de trabalho, para o capital. Ao envelhecer, o trabalhador perde esse caráter útil, de mercadoria, para o mercado, ao não se colocar mais como força de trabalho ativa.

O interesse da sociedade capitalista é “capturar” o que pode ser explorado e lucrativo para o capital. Seja o trabalhador como mercadoria ou como consumidor de mercadorias. O homem como mercadoria pode, assim como qualquer outra mercadoria, ser substituído, trocado e descartado, conforme as necessidades do capital. O ser humano vira coisa e passa a ser valorizado somente na esfera produtiva, como trabalhador ou consumidor. “A desvalorização do mundo humano aumenta em razão direta da valorização do mundo das coisas” (Marx, 1964).

Desta forma, ao envelhecer e/ou ser acometido por alguma doença, o trabalhador é facilmente descartado e substituído por outro que possa produzir mais em menos tempo. O trabalhador como mercadoria tem também um tempo estimado para o consumo, tem que mostrar resultados e ser lucrativo ao capital.

A produção não produz unicamente o homem como uma mercadoria, a mercadoria humana, o homem sob a forma de mercadoria; de acordo com tal situação, produz ainda como um ser espiritual e fisicamente desumanizado... Imoralidade, deformidade, hilitismo dos trabalhadores e capitalistas... O seu produto é a mercadoria autoconsciente e ativa... a mercadoria humana... (Marx, 1964, p. 174).

O que se coloca é que, com o aumento cada vez mais acentuado da expectativa de vida e dos ditos “mais velhos” (que são aqueles com 80 anos), é normal haver doenças crônicas que influenciem na capacidade dos idosos de gerenciar algumas atividades diárias de suas vidas, em



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

níveis variados de dependência. Esse aumento do tempo de vida do trabalhador é visto pelo capital como um “problema social”, já que a força de trabalho como mercadoria tem seu tempo de “inutilidade” estendido e cria novas demandas de cuidado e manutenção. Isso significa não o lucro, mas sim o gasto por via de políticas sociais com uma mão de obra que não produz mais. Por isso, as políticas de previdência social e assistência social relacionadas ao direito à renda do idoso são tão atacadas pelas ditas “reformas” dos governos.

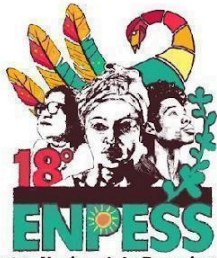
O interesse maior do capitalismo é investir em políticas públicas que beneficiem o capital diretamente, como, por exemplo, políticas voltadas à manutenção de força de trabalho ativa, que melhorem a vida dos trabalhadores e funcionem como salários indiretos. As políticas públicas voltadas à população idosa são vistas como gastos públicos excessivos, pois se subentende que não terá um retorno. O idoso, neste sentido, não é reconhecido como trabalhador, que participou e participa da construção da riqueza social.

Neste processo contraditório e heterogêneo que é o fenômeno do envelhecimento, um fato cientificamente comprovado é que, ao envelhecer, o ser humano perde algumas de suas capacidades funcionais, podendo acumular algumas doenças próprias da idade, e seu funcionamento não é como de um jovem adulto que está em pleno processo de exploração pelo capital.

[...] o trabalhador tem a infelicidade de ser um capital vivo e, portanto, com necessidades, que em cada momento em que não trabalha perde os seus juros e, por conseguinte, a existência. Como capital, o valor do trabalhador varia de acordo com a procura e a oferta, e a sua existência física, a sua vida, foi e é considerada como uma oferta de mercadorias, semelhante a qualquer outra mercadoria. O trabalhador produz o capital, o capital produz o trabalhador. Assim, ele produz-se a si mesmo, e o homem enquanto trabalhador, enquanto mercadoria, constitui o produto de todo o processo. O homem não passa de simples trabalhador e, enquanto trabalhador, as suas qualidades humanas existem apenas para o capital, que lhe é estranho. (Marx, 1964, p. 173)

Em muitos casos, as doenças adquiridas ao longo da vida são frutos de um processo de exploração do trabalho, acumulados pelo capital. O capital utiliza todo o tempo de vida do trabalhador, submetendo-o à exploração de sua força de trabalho. E, quando o trabalhador envelhece, é dispensado pelo capital, substituído por um trabalhador mais novo e com mais possibilidades de exploração.

O capital passa a valorizar tudo o que pode ser lucrativo, produtivo e tecnológico. É a partir dessas relações conflitantes que a velhice passa a contrastar com a juventude, a sabedoria com o



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

conhecimento científico e a valorização do trabalho com o tempo livre. O idoso deixa de ser aquela pessoa que viveu muito e trabalhou, para ser aquele que pode ser descartado e considerado inútil, sem valor.

A introdução de novas tecnologias, descobertas de doenças, formas de tratamento, acesso a políticas sociais, entre outros, possibilitaram o aumento da expectativa de vida e o envelhecimento populacional como um fenômeno real. No entanto, é necessário problematizar as contradições da sociedade capitalista, que permite o aumento da longevidade e coloca o velho como descartável para o capital, oneroso aos cofres públicos, como um “problema social” a ser pensado e assumido.

Envelhecer na sociedade capitalista não necessariamente significa viver bem e, na verdade, pode representar o seu oposto, principalmente para a classe trabalhadora que envelhece em condições cada vez mais precárias. Com o desenvolvimento das forças produtivas e de sua complexificação, tem-se também um aumento da pobreza e exploração, acirrando as contradições capital/trabalho e, conseqüentemente, o aumento do empobrecimento da classe trabalhadora.

O processo de envelhecimento na sociedade capitalista é contraditório, os interesses do capital vão se transmutando de acordo com suas necessidades. Com o crescente número de pessoas idosas e as projeções indicando uma nova configuração na pirâmide etária do Brasil, os capitalistas identificam e passam a investir em nichos do mercado, voltados à população em envelhecimento com algum poder aquisitivo. O idoso passa a ser visto na sociedade pelo seu poder de compra, pela posição social que ocupa e pela possibilidade de exercer algum tipo de trabalho.

Isso acontece pela possibilidade de ser mercadoria ou de comprar mercadorias, devido a sua posição social e pela condição física da pessoa idosa: se for uma pessoa acamada que requer cuidados, ou que está com suas atividades de vida comprometidas, ela é vista como improdutivo, não exerce nem seu poder de compra, nem seu papel social. Mas se for uma pessoa idosa com condições financeiras, exerce seu poder de compra pelos serviços privados de saúde, recursos alimentares, etc. Agora, se a pessoa idosa for ativa, mesmo não vendendo sua força de trabalho, mas possuir um poder de compra, é vista como uma pessoa que ainda possui utilidade para o mercado e para a sociedade.

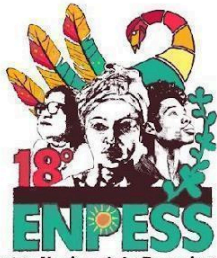
No entanto, é importante destacar que ambos os idosos (ricos e pobres) sofrem preconceitos, discriminação pela sua idade e, muitas vezes, exclusão social. Essa situação decorre do fato de o envelhecimento ser um processo com o qual muitos não se identificam. Os homens e as mulheres, de uma maneira geral, têm dificuldades de se reconhecerem no velho; identificam a velhice como algo negativo, como perda de funcionalidade e uma fase pré-morte.

É importante problematizar aqui que, para além do debate de produtivo e improdutivo para o trabalho, o processo de envelhecimento deve ser analisado pela perspectiva de classe, pobres e ricos possuem condições diferenciadas de envelhecimento. E que, mesmo quando o idoso rico é colocado como improdutivo para o mercado, ainda assim ele pode ter seu poder de compra, tendo acesso aos serviços privados de saúde, de institucionalização, de lazer e outros; sendo assim, seu tratamento será diferenciado na sociedade.

Ainda que pese as contradições que extrapolam a esfera da produção e do consumo, é possível afirmar que o envelhecimento se mostra de forma diferenciada para pobres e ricos, para trabalhadores e para a burguesia, já que as desigualdades de classe, no capitalismo, são vividas de forma muito distinta entre aqueles que exploram e que vivem do dinheiro gerado pelo trabalho alheio, e aqueles que dependem da venda de sua força de trabalho para se reproduzir. Aos primeiros, a velhice se apresenta de forma mais branda, e mesmo que sejam acometidos pela perda de algumas de suas capacidades funcionais, o dinheiro que possuem permite que eles tenham uma qualidade de vida até a “esperada morte”. Já o trabalhador que, em sua maioria, necessita vender sua força de trabalho até que seu limite, cansaço e capacidade funcional se esgotem; a esse segmento cabe recorrer ao Estado, à família e às instituições filantrópicas para atender às suas necessidades.

5. Conclusão

As mudanças no sentido do trabalho, na sociedade capitalista, impactam diretamente a vida dos homens, modificando todas as relações sociais. Esse sistema é responsável por produzir relações de trabalho desumanizadas, alienadas, coisificadas, precarizadas, etc. Transforma a força de trabalho em mercadoria para a valorização do capital e, paralelamente, a desvalorização da vida humana. Produz uma relação de desigualdade, pobreza, desemprego; transformando um



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

contingente da população em “inúteis” ao capital, pela sua falta de valor de uso, com destaque para os idosos, que não se colocam como força de trabalho ativa.

O trabalhador só interessa para o capital como força de trabalho, ou como consumidor de mercadorias, sendo assim, há uma segregação entre idosos pobres e ricos na sociedade capitalista. O trabalhador pobre envelhece acumulando doenças, frutos da exploração do capital e do modo de vida burguês, sem ter acesso a uma estrutura de políticas públicas que atendam às suas necessidades e promovam um envelhecimento digno e saudável. Já o idoso rico consegue ter acesso a uma rede de serviços pela via privada, influenciando assim na sua forma de vivenciar a velhice.

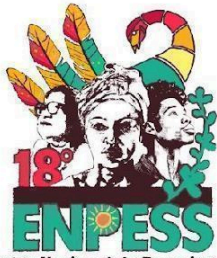
O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tão mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadorias; produz-se também a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e justamente na mesma proporção com que produz bens. (Marx, 1964, p. 159)

Os burgueses acumulam riqueza pela exploração da força de trabalho da classe trabalhadora, gerando, assim, um processo de empobrecimento da população que, na maioria das vezes, ganha o insuficiente para a sua reprodução como trabalhador, não tendo condições de viver uma vida com qualidade. Esse processo de empobrecimento da população é decorrente do modo de produção capitalista e da exploração do trabalho de caráter abstrato.

A modificação do sentido do trabalho traz consequências brutais para a vida do homem. Pois o homem é colocado como uma mercadoria que, assim como qualquer outra mercadoria, tem seu tempo útil para o capital. Sendo assim, o trabalhador, ao envelhecer e ao perder algumas de suas capacidades funcionais, perde também o seu poder de uso para o capitalismo.

O sistema capitalista, ao produzir as desigualdades e retirar toda possibilidade do trabalhador de se desenvolver por meio do trabalho útil, livre e consciente, “aprisiona-o” no trabalho alienado e forçado, subordinando todo seu tempo de vida ao trabalho assalariado, como forma de sobrevivência, e o descarta quando julga que ele não é mais útil como mão de obra.

Deste modo, esse sistema não leva em conta todo o desgaste causado na vida do trabalhador, culpabilizando somente o indivíduo pelo seu processo de envelhecimento não



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

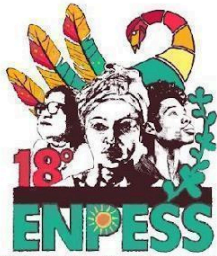
10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

saudável, como se toda a exploração do trabalho, ao longo de sua vida, não fosse também responsável por um envelhecimento não saudável.

São os idosos pobres que acumulam desigualdades e precisam recorrer a serviços públicos de saúde, assistência social, previdência social, etc., para tentar atender às necessidades que não conseguem ser supridas pelos baixos salários recebidos, por aposentadorias, benefícios e outros rendimentos. Esses são os usuários atendidos cotidianamente pelos Assistentes Sociais, que se deparam cada vez mais com demandas emergentes da população idosa, que carece de uma rede articulada de serviços para ter suas várias demandas atendidas.

Neste sentido, é de fundamental importância, principalmente na atual conjuntura de ataque aos direitos conquistados e com forte centralidade nos direitos dos idosos, no que tange à aposentadoria, pensões e benefícios, a discussão sobre a sociedade capitalista e o envelhecimento do trabalhador, pois são muitas as contradições presentes que demandam dos profissionais uma postura propositiva e crítica de enfrentamento, que permitam fortalecer a luta da classe trabalhadora na garantia dos direitos sociais.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

6. Referências

FORTI, Valeria. "Ontologia do Ser Social e ética". In: FORTI, Valeria. Ética, crime e loucura: reflexões sobre a dimensão ética profissional. 4ªed. Lumen Juris, 2010, p 31-46.

LUKÁCS, Gyory. "Os princípios ontológicos fundamentais de Marx" In LUKÁCS, Gyory. Para ontologia do ser social I. São Paulo Boitempo, 2012, p. 281-422.

MARX, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos. Lisboa: Edições 70, 1964.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. "Feurbach. Oposição materialista e idealista". In MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo : Moraes, 1984, p 9-36.

_____. O Capital: Crítica da economia política. Livro I. V. 1. 23 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

NETTO, José Paulo. Introdução ao estudo do método de Marx. São Paulo: Expressão popular, 2011.

KONDER, Leandro. A derrota da dialética: recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos trinta. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p.195-222.

KONDER, Leandro. "Nota preliminar sobre dialética" In: Derrota da dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil ate o começo dos anos trinta. Rio de Janeiro: Campus, 1988p.1-18.